

# LE THÉÂTRE DES MATIÈRES / 1977

Um filme de Jean-Claude Biette

**Realização e Argumento:** Jean-Claude Biette **Fotografia:** Georges Strouvé **Direção Artística:** Jean-Claude Guiguet **Som:** Jean-François Chevalier, Antoine Bonfanti **Música:** Beethoven, Bizet, Delibes **Montagem:** Françoise Merville **Intérpretes:** Sonia Saviange (Dorothee), Howard Vernon (Hermann), Philippe Chemin (Philippe), Martine Simonet (Martine), Brigitte Jacques (Brigitte), Costa Commène (Répètos), Jean-Christophe Bouvet (Christophe), Serge Casado (Serge), Liza Braconnier (Adrienne Pasquier), Marcel Gassouk (Victor), Michel Delahaye (um cliente), Noël Simsolo (um espectador), Benoît Jacquot (o escritor), Paulette Bouvet (Mme Nogrette), Denise Farchy (Lina), Michèle Venard, Michèle Savin

**Produção:** Diagonale-Stephan Films **Cópia:** Cinemateca Francesa, dcp, colorida, com legendas eletrônicas em português, 77 minutos | **Estreia:** Paris, 7 de Dezembro de 1977 | Inédito comercialmente em Portugal

---

Há uma aparente redundância no título da primeira longa-metragem de Jean-Claude Biette: teatro e matérias, pois o primeiro não se faz sem as segundas e, em particular, aquela que é a própria essência deste filme: a palavra. Mas a redundância é apenas aparente, porque o que o **Théâtre des Matières** faz é jogar com os muitos sentidos (e equívocos) que essas matérias tomam ao serem manipuladas. A palavra, em particular, tem sempre um duplo significado quando é enunciada ou quando é entendida, isto é, o “emissor” pode dar-lhe um “sentido” metafórico e o “receptor” interpretá-la no sentido literal: Hermann e Dorothee no final da representação (a segunda pergunta ao encenador se foram bem, ao que este replica que a resposta cabe aos espectadores, que são apenas oito, escusando-se Dorothee a ir interrogá-los ao captar apenas o sentido literal da resposta); ou o “emissor” dar-lhe o sentido literal e o “receptor” equivocou-se nele: a entrevista de Hermann com a jornalista em que o nome do grupo “Théâtre des Matières” é entendido pela segunda como “Théâtre d’Emma Thiers” (este tipo de trocadilhos com os enunciados, que de certa forma evocam o estilo de crítica dos “Cahiers...” nos anos 50, encontra-se noutros cineastas franceses de preocupações e estilos próximos de Biette, Vecchiali, Jacquot, Frotz-Coutaz, que de uma forma ou outra se encontram ligados a este filme, assim como no título do primeiro filme de Mehdi Charef, **Le Thé au Harem d’Archimède**, homofonia de “Le Théorème d’Archimède”). O filme, e todo o cinema de Biette, coloca-se sob o signo da matéria, e a forma como ele a expõe e manipula faz dele um dos raros cineastas a quem se pode aplicar a categoria de “materialista”.

O teatro e a sua matéria, a palavra, é, pois, a “matéria” de que Biette se serve para o seu primeiro filme, e as influências que ele cita na entrevista a Serge Daney e Pascal Bonitzer nos “Cahiers...” reforçam esta paridade. Concretamente a referência a Joseph Mankiewicz e ao que é, talvez, o mais teatral, e “material”, dos filmes do autor de **Cleópatra: Guys and Dolls**, para as sequências da agência de viagens onde trabalha Dorothee, em que Biette pediu ao operador Strouvé (colaborador habitual de Paul Vecchiali), uma iluminação forte e sem sombra, e um teatro “mais quente e envolvente”.

O filme de Biette é, pois, a filmagem de um “processo”, em que o fim tem menos importância do que a forma como se desenrola, em que os gestos e as reacções têm mais sentido do que a “ideia” em que se inscrevem, encontrando a sua legitimidade nas características das personagens e não em qualquer fim que elas procurem. Ele existe (materializar um sonho, por exemplo, no caso de Dorothee que quer “fazer” teatro, e que para isso vende, primeiro, a jóia, e depois tenta forçar o cofre da agência onde trabalha), mas não é determinante. O espectador “conhece” os personagens apenas no espaço de tempo diegético. Nunca sabe completamente quem é qualquer deles: Hermann é um “génio” ou um encenador falhado? Dele apenas se sabe que fora músico, como Dorothee. Tudo o resto está restrito ao tempo do argumento.

**Le Théâtre des Matières** é um filme singular que coloca uma série de questões sobre a ficção no teatro e, por extensão, no cinema. Daney afirmou na sua extensa crítica ao filme: “Pour Biette, le Théâtre n’est ni la vie ni son contraire (pas de signe égale, même dénié), il est comme la vie, il se noue à elle, à plat, il ne la transfigure pas, il la continue”. Teatro-vida, teatro-cinema, cinema-vida, é o processo que **Le Théâtre des Matières** encena.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico